

RIMBAUD ILUMINANDO

impossíveis revoluções de amor

Celina Scheinowitz

Rimbaud nasceu em 20 de outubro de 1854, em Charleville, nas Ardenas francesas. Foi poeta somente até os 19 ou talvez os 20 anos, preferindo em seguida calar-se e partir mundo afora, tendo permanecido onze anos na África e na Ásia Menor, em especial em Aden, no Iêmen e em Harar, na Abissínia (hoje Etiópia), exercendo atividades no comércio (peles, marfim, café, armas) e só retornando à França em 1891, doente, para morrer. Não sem ter tentado, com a perna direita amputada, embarcar de volta para seu pouso africano. A morte implacável não permite que seu destino prosiga e o arrebatou, em 10 de novembro de 1891, em Marseille. A caminho (*en route, on the road*), como sempre viveu “o homem de solas de vento”, como o chamou um dia Verlaine.

A Universidade Estadual de Feira de Santana festeja o sesquicentenário do poeta francês em grande pompa, alumiando refletores sobre as *Iluminações*. Com a participação de Daniel Leuwers, da Universidade François-Rabelais, de Tours, na França, que abordará o tema “Lire *Illuminations* ou la communication différée” e com a presença espiritual de Alain Vuillemin, da Universidade de Artois, em Arras, também na França, cujo texto “Reflets des *Illuminations* chez quatre auteurs symbolistes et néo-symbolistes francophones du XX siècle”, será apresentado por Roselene Guimarães. *Illuminations*, escolha aleatória ou fruto de afinidades eletivas? Talvez simplesmente

uma tentativa de acolher o desejo de Rimbaud, o qual, depois das Cartas do vidente, de maio de 1871, rejeita suas composições anteriores: não pede ele a Paul Demeny, em carta datada de 10 de junho de 1871, que queime todos os versos que fizera a bobagem de escrever? Magistras, todavia: *Sensation, Ophélie, Ma bohème, Le dormeur du val, Rêvé pour l'hiver* e tantos outros construídos em geral nos moldes parnasianos, mas onde já aponta um toque original da feitura rimbaldiana, o sarcasmo, a ironia, entre outros traços de sua escrita. Rimbaud foi uma dessas criaturas excepcionais que vêm ao mundo com o dom da poesia: sua voz carrega intuitivamente a beleza e até seu silêncio, fala.

Iluminações é um texto de vanguarda na literatura francesa; sua escrita se demarca da tradição literária em vigor, prediz o Surrealismo e seu automatismo, bem como, ao encenar a loucura na obra literária, antecipa o teatro da barbárie e crueldade de Antonin Artaud. Compõe-se a obra de cinquenta e dois poemas em prosa e dois, em versos livres. Foi publicada em 1886, na revista *Vogue*, sem o conhecimento do autor, perdido em suas andanças pelos desertos africanos e empenhado, naquele momento, no tráfico de armas, a serviço do rei Menelik do Choa; uma edição póstuma, de 1895, pela Editora Vanier, acrescenta ao conjunto cinco poemas em prosa descobertos posteriormente.

Apesar dos estudos profundos, históricos, ecdóticos e interpretativos, a gênese do livro permanece um mistério e ainda persistem dúvidas quanto à data de composição, o título e a ordem dos poemas. Admite-se, hoje, que parte destes foi escrita em 1872-1873, anteriormente a *Une saison en enfer*, mas que os outros, – em proporção difícil de se avaliar – é posterior ao *Adieu* do texto publicado em Bruxelas em 1873, com o qual se pensava que Rimbaud se despedia definitivamente da poesia. Quanto ao título, perpetua-se o que foi dado por Verlaine na revista *Vogue*, com a explicação, no prefácio, de tratar-se de um anglicismo, significando “iluminuras”, “gravuras pintadas” ou “pratos decorados” (*coloured plates*). Os manuscritos das *Iluminações* são formados de folhas soltas e a ordem dada por Félix Fénéon, na edição de 1886, tem sido adotada na maioria das edições posteriores.

A interpretação dos poemas é sempre árdua e difícil. O conjunto não se ordena em um fio linear que lhe assegure um devir, todavia, Pierre Brunel percebe uma tênue aproximação estilística ou retórica entre as composições, que se agrupariam em histórias ou narrativas, evocações, invocações ou hinos, descrições, festas e enigmas. Outra maneira de ordenar os poemas pode ser vislumbrada, considerando-se que eles se reúnem por séries temáticas, com dominância autobiográfica, dominância dramática

ou teatral, com a temática da modernidade urbana e social e enfim uma série com predomínio do onírico e do fantasmagórico.

Vamos examinar, aqui, dois desses poemas em prosa, *Conte* e *Bottom*. O primeiro situa-se no início das *Iluminações* (após *Après le Déluge*, *Enfance I, II, III, IV e V*) e o segundo, é o 49º ou o 51º, na edição de Jean-Luc Steinmetz e na de Pierre Brunel, respectivamente (precedendo os cinco poemas finais do livro, *H*, *Mouvement*, *Dévotion*, *Démocratie* e *Génie*, na edição do primeiro, ou *H*, *Mouvement* e *Génie*, na do segundo). De qualquer forma, a ordem é aleatória e não corresponde a uma intenção de Rimbaud, segundo dissemos anteriormente.

Ambos os poemas trazem títulos pouco poéticos, o primeiro remete à prosa e o segundo introduz até um toque vulgar: *em baixo*. Prosaísmo intencional e sistemático, já que os demais títulos geralmente veiculam idêntico estilo conciso, com um único substantivo, sem artigo: *Parade*, *Antique*, *Départ*, *Ouvriers*, *Villes*, *Vagabond*, *Aube*, *Fleurs* e algumas dezenas de outros. Único luxo nesse ramerrão monolítico, três títulos em inglês: além de *Bottom*, *Being Beauteous* e *Fairy*. Com duas ou três palavras, seis composições: *Les Ponts*, *Après le Déluge*, *Matinée d'Ivresse*, *Vingt ans*, *Soir historique*, *Nocturne vulgaire*.

O título *Conte* sugere que o autor se propõe a narrar algo, a contar uma história. Essa história se configura como um conto das “Mil e uma noites”, com Príncipe, Gênio, e em ambiente devidamente oriental, no qual é permitido ao homem dispor de um harém. Mas, na verdade, Rimbaud vai se servir desse tipo de narrativa para desconstruir sua estrutura, desconcertando o leitor repetidamente, em um jogo lúdico de criar uma realidade fantástica para logo solapá-la, de construir castelos para em seguida derrubá-los, recomeçando sisificamente sua reconstrução. Ao situar a história bem longe, nos confins do Oriente, em um terreno fantástico, sentimos o pudor de Rimbaud, que, como escondendo-se, se preserva para melhor expor suas próprias angústias e sofrimento. O drama do poeta reside, sem dúvida, na sua frustração em não conseguir levar a termo seu projeto poético de maio de 1871: “Le poète se fait *voyant* par un long, immense et raisonné dérèglement de tous les sens” (Cf. Cartas do vidente, de 13 a 15 de maio de 1871, em especial a segunda, de onde retiramos a citação, que consta à p. 243 da edição das Obras completas de Rimbaud, por Pierre Brunel). O texto – que promete ser uma história acessível – na verdade enxovalha o entendimento: o príncipe em questão queria fugir das contingências morais comuns, aspirava à verdade e a um novo amor. Em um tom de crônica histórica, descrevem-se as ações empreendidas e logo frustradas, do protagonista, a saber, matou todas as mulheres, porque, mergulhadas em complacências entre o céu e o luxo, elas não o

satisfaziam, ele que queria “ver a verdade, a hora do desejo e da satisfação essenciais”. As mulheres reaparecem. Opacidade para a compreensão do leitor e frustração para o Príncipe, que mata seu séquito; entretanto, depois dos crimes, todos o seguiam. Novo fracasso principesco e novo corte no pensamento racional do leitor. Louco de raiva e já com sadismo, o Príncipe diverte-se em degolar os animais, incendia os palácios, retalha em pedacinhos as pessoas com quem deparava. “A multidão, os telhados de ouro, os belos animais ainda existiam.” A destruição /crueldade não trouxe, todavia, liberação para o Príncipe, o qual passa a viver isolado de seus súditos, que nada murmuram, ninguém colocando seu ponto de vista. Como estamos no reino do maravilhoso, em que toda fantasia é permitida, uma noite aparece um Gênio que, com beleza inigualável, trazia a promessa de “amor múltiplo e complexo”. Houve a união total, pois “O Príncipe e o Gênio se aniquilaram provavelmente na saúde essencial”. O advérbio de modo, *provavelmente*, introduz com sutileza o pudor do poeta, que, ruborizado, prefere se afastar da cena ou finge não se lembrar dela, relatando-a como provável. O ato amoroso, se chegou a um clímax (“a saúde essencial”), trouxe também o aniquilamento dos parceiros. As frases seguintes são mais certeiras para com essa queda fatal: “Como não teriam podido morrer?” “Juntos pois eles morreram”. O conto poderia acabar aqui, com uma conclusão já bastante original, pois, se habitualmente “eles se casam e têm muitos filhos”, o final feliz foi aqui substituído, tragicamente, pela morte do casal. O que é pouco, para Rimbaud, que prossegue com a trama de sua história, “Mas este Príncipe faleceu em seu palácio, em uma idade comum”, dando um chute no raciocínio coerente do leitor, nocateando-lhe, mais uma vez, a compreensão. Como uma máscara que se coloca e se tira, o conto serve, assim, para iludir a todo instante o leitor, que levita no terreno mágico da fantasia e, como um funâmbulo que se equilibra na corda bamba, procura adaptar-se ao jogo das *Iluminações*, para não desabar no abismo.

Rimbaud é o Príncipe, disso não duvidamos, e todos nós, ao entrarmos em convivência com o poeta, ascendemos igualmente à condição principesca. Admitindo-se que a parábola põe em cena a problemática da criação literária, na qual o Gênio personifica a poesia, paixão avassaladora do poeta, esta aparece como uma ilusão, uma quimera, uma fantasia, um sonho, uma utopia, que se desfazem ao abrirem-se os olhos para a realidade e para a vida. Em um tom de máxima, a derradeira frase do poema dá a chave do fracasso amoroso: “A música erudita falta a nosso desejo”. Mutilada em suas próprias pulsões, a criação literária, como o amor, está impossibilitada de “ver a verdade, a hora do desejo e da satisfação essenciais”.

Insatisfação dos desejos. Frustração. Queda. Recomeço.

Em *Bottom*, somos informados, já no título, das disposições depressivas do eu poético, que se encontra no mais baixo patamar de seu estado psíquico. Encadeiam-se, no poema, cenas de metamorfose fortemente carregadas de erotismo, com o objetivo de retratar a impossibilidade da posse sexual e a decepção que se segue ao ato do amor. Em uma instância mais ampla, pode-se ver o poema como uma busca para captar a consciência trágica da condição humana, frente ao descompasso entre a aspiração do ser ao absoluto e a experiência deprimente do viver.

Na trilha do tema da metamorfose, Rimbaud provavelmente deparou-se com Shakespeare e também com outros, tendo sua inspiração aí buscado fonte. O mestre da literatura inglesa, em sua comédia *Sonho de uma noite de verão*, havia desenhado o personagem homônimo dessa *Iluminação*, Bottom, sapateiro que se transforma no diabrete Puck, possível germe na criação do poema de Rimbaud; dentre outros que abordaram a temática da metamorfose, onde o poeta francês poderia ter buscado inspiração, destaca-se o escritor latino Apúleo, cujo protagonista, Lucius, no conto *Lucius ou o Asno*, teria se transformado em coruja, se a criada Photis tivesse usado o bom unguento.

Frente ao sentimento de inacessibilidade ao amor, o poeta submete-se, para possuir sua “dame”, a todas as imposições do jogo da sedução, faz-se “enorme pássaro cinza azulado”, ridiculamente “alçando vôo para as molduras do teto e arrastando a asa nas sombras da noite”. Metamorfoseia-se, a seguir, em “urso de gengivas roxas”, vassalo de sua parceira, a sustentar ao pé do baldaquino, “suas jóias adoradas e suas obras-primas físicas”, com subserviência e desgosto tais que seus pêlos encanecem e envelhece, guardando “olhos de cristais e pratos dos consolos”.

A realização do amor físico vem sintetizada no alexandrino lapidar, “Tout se fit ombre et aquarium ardent” (“Tudo se fez sombra e aquário ardente”), com expressivos achados de linguagem, revelados no antagonismo das cores, presença do fogo, sugestões de movimento criado no seio da água e outros mistérios da poesia. Passando da noite ao dia, “De manhã, – aurora de junho aguerrida”, o poeta, ao acordar, desiludido, transforma-se em asno e sai a correr campo afora, a fim de alardear, não sua glória, mas seu desagravo, até que outras mulheres, “sabinas do subúrbio”, melhor dizendo, prostitutas, se atirem em seu peitoral, para trazer-lhe à realidade, mostrando-lhe a impotência dos sonhos e a incapacidade em se criar um mundo adequado aos desejos.

A última metamorfose zoomórfica aproxima o poeta do personagem shakespeariano, Bottom, histrião/asno com o qual ele se identifica, tanto no seu

significante, presente no título do poema, quanto no significado, em todo o seu estilhaçar polissêmico a partir do sentido de base, *em baixo*, que se estende à acepção de prostração mental bem como para a expressão da bestialidade sexual relacionada com a região inferior do corpo.

As composições analisadas, *Conte* e *Bottom*, se ambas iluminam impossíveis revoluções do amor, remetem também as duas, alegoricamente, à criação literária, isso se endossamos a proposta de Claude Jeancolas para *Bottom*, segundo a qual a amante subjugadora poderia ser vista como representação da própria poesia, à qual Rimbaud se entregou por inteiro e de cuja experiência se retrai, decepcionado pela impotência em nela consumir seus sonhos e anelos.



REFERÊNCIAS:

- RIMBAUD. *L'oeuvre*. Commentée par Claude Jeancolas. Paris: Les éditions Textuel, 2000.
- RIMBAUD. *Oeuvres complètes*. Édition de Pierre Brunel. Paris: La Pochothèque / Librairie Générale Française, 1999.
- RIMBAUD. *Oeuvres*. Vol. III. Illuminations, suivi de Correspondance. Préface, notices et notes par Jean-Luc Steinmetz, Paris: GF – Flammarion, 1989.
- RIMBAUD. *Oeuvres complètes*. Édition établie et annotée par A. Adam. Coll. La Pléiade. Paris: Gallimard, 1973.

CONTE

Un Prince était vexé de ne s'être employé jamais qu'à la perfection des générosités vulgaires. Il prévoyait d'étonnantes révolutions de l'amour, et soupçonnait ses femmes de pouvoir mieux que cette complaisance agrémentée de ciel et de luxe. Il voulait voir la vérité, l'heure du désir et de la satisfaction essentiels. Que ce fût ou non une aberration de piété, il voulut. Il possédait au moins un assez large pouvoir humain.

Toutes les femmes qui l'avaient connu furent assassinées. Quel saccage du jardin de la beauté! Sous le sabre, elles le bénirent. Il n'en commanda point de nouvelles. – Les femmes réapparurent.

Il tua tous ceux qui le suivaient, après la chasse ou les libations. – Tous le suivaient.

Il s'amusa à égorger les bêtes de luxe. Il fit flamber les palais. Il se ruait sur les gens et les taillait en pièces. – La foule, les toits d'or, les belles bêtes existaient encore.

Peut-on s'extasier dans la destruction, se rajeunir par la cruauté! Le peuple ne murmura pas. Personne n'offrit le concours de ses vues.

Un soir il galopait fièrement. Un Génie apparut, d'une beauté ineffable, inavouable même. De sa physionomie et de son maintien ressortait la promesse d'un amour multiple et complexe! Le Prince et le Génie s'anéantirent probablement dans la santé essentielle. Comment n'auraient-ils pas pu en mourir? Ensemble donc ils moururent.

Mais ce Prince décéda, dans son palais, à un âge ordinaire. Le prince était le Génie. Le Génie était le Prince.

La musique savante manque à notre désir.

(RIMBAUD. *Oeuvres*. Tome III *Illuminations*. Préface, notices et notes par Jean-Luc Steinmetz. Paris: GF – Flammarion, 1989, p. 58-59.)

CONTO

Um Príncipe estava melindrado por não se ter nunca comprometido senão com a perfeição das generosidades vulgares. Previa surpreendentes revoluções do amor, e suspeitava suas mulheres de poder mais do que esta complacência adornada de céu e de luxo. Ele queria ver a verdade, a hora do desejo e da satisfação essenciais. Que fosse ou não uma aberração de piedade, ele quis. Possuía pelo menos um poder humano bastante vasto.

– Todas as mulheres que o tinham conhecido foram assassinadas. Que devastação no jardim da beleza! Sob o sabre, elas o abençoaram. Ele não encomendou novas. – As mulheres reapareceram.

Matou todos os que o seguiam, depois da caça ou das libações. – Todos o seguiam.

Divertiu-se a degolar os animais de luxo. Mandou incendiar os palácios. Atirava-se sobre as pessoas e as retalhava em pedaços. – A multidão, os telhados de ouro, os belos animais ainda existiam.

É possível extasiar-se na destruição, rejuvenescer pela crueldade! O povo não murmurou. Ninguém ofereceu a contribuição de seu ponto de vista.

Uma noite ele galopava com altivez. Um Gênio apareceu, com uma beleza inefável, inconfessável mesmo. De sua fisionomia e de seu porte ressaltava a promessa de um amor múltiplo e complexo! de uma felicidade indizível, insuportável mesmo! O Príncipe e o Gênio se aniquilaram provavelmente na saúde essencial. Como não teriam podido morrer disso? Juntos pois eles morreram.

Mas este Príncipe faleceu, em seu palácio, em uma idade comum. O príncipe era o Gênio. O Gênio era o Príncipe.

A música erudita falta a nosso desejo.

Tradução de “Conte”. In: RIMBAUD. *Illuminations*. Préface, notices et notes par Jean-Luc Steinmetz. Paris: GF – Flammarion, 1989, p. 58-59. Por Celina Scheinowitz.

BOTTOM

La réalité étant trop épineuse pour mon grand caractère, – je me trouvai néanmoins chez ma dame, en gros oiseau gris bleu s’essorant vers les moulures du plafond et traînant l’aile dans les ombres de la soirée.

Je fus, au pied du baldaquin supportant ses bijoux adorés et ses chefs-d’oeuvre physiques, un gros ours aux gencives violettes et au poil chenu de chagrin, les yeux aux cristaux et aux argents des consoles.

Tout se fit ombre et aquarium ardent. Au matin, – aube de juin batailleuse, – je courus aux champs, âne, claironnant et brandissant mon grief, jusqu’à ce que les Sabines de la banlieue vinrent se jeter à mon poitrail.

(RIMBAUD. *Oeuvres III. Illuminations* suivi de *Correspondance (1873-1891)*. Préface, notices et notes par Jean-Luc Steinmetz. Paris: Flammarion, 1989, p. 102.)

BOTTOM

A realidade sendo por demais espinhosa para minha imensa personalidade, – achei-me no entanto nos aposentos da minha dama, como um enorme pássaro cinza azulado alçando vôo para as molduras do teto e arrastando a asa nas sombras da noite.

Fui, ao pé do baldaquino que sustentava suas jóias adoradas e suas obras-primas físicas, um enorme urso de gengivas roxas e pêlo encanecido pelo desgosto, com olhos de cristais e pratos dos consolos.

Tudo se fez sombra e aquário ardente. De manhã, – aurora de junho aguerrida – corri aos campos, asno, clarinando e brandindo meu agravo, até que as sabinas do subúrbio vieram jogar-se em cima de meu peitoral.

Tradução por Celina Scheinowitz

Resumo

Imersão no universo das *Illuminações*, através dos vãos indevassáveis de dois poemas, “Bottom” e “Conte”, tentativas, malogradas, de se ver a verdade e a hora do desejo, a fim de revolucionar o amor. No primeiro caso, sucessivas metamorfoses atropelam o leitor, o poeta fazendo-se ave, urso, asno... No segundo, o conto vai servir de instrumento para melhor iludir o leitor, que levita pelo Terreno mágico das histórias da carochinha, povoada de príncipes e gênios.

Résumé

Nous essayons de pénétrer dans l'univers des *Illuminations*, par les brèches insondables de deux poèmes, “Bottom” et “Conte”, tentatives manquées de voir la vérité et l'heure du désir, afin de susciter des révolutions de l'amour. Dans le premier cas, des métamorphoses successives surprennent le lecteur, le poète se faisant oiseau, ours, âne... Dans le second, le conte va servir d'outil ludique pour mieux leurrer le lecteur, qui lévite sur le terrain magique des contes de fées, peuplés de princes et des génies.



SCHEINOWITZ, Celina. Rimbaud iluminando impossíveis revoluções de amor. *Léguas & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 4, n° 3, 2005, p. 50-58.



Celina Scheinowitz é Professora Titular de Francês da Universidade Estadual de Feira de Santana. Doutorado de Estado em Ciências Humanas, pela Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV), com menção “Très Honorable”, Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Tem publicado livros e mais de uma centena de artigos sobre lexicologia contrastiva do francês/português, sobre literatura francófona antilhana e africana e também sobre autores baianos, em especial o poeta Sosígenes Costa. Foi condecorada pelo governo de Portugal e recebeu as Palmas Acadêmicas, da França, no grau de Cavaleiro, tendo sido promovida a Oficial.